

## A NATUREZA FILOSÓFICA DA ÉTICA SEGUNDO LIMA VAZ

Márie dos Santos Ferreira\*

**Resumo:** Frente ao atual contexto paradoxal evidenciado pela crescente produção de bens materiais e simbólicos que vêm permeando o desenvolvimento cultural da história da humanidade, vemos desencadear-se na civilização ocidental uma *crise espiritual* sem precedentes, constatando-se uma procura mais veemente da reflexão ética. Para Lima Vaz, somente por meio da apropriação conceitual da Ética, da sua natureza e origem filosófica, se poderá encontrar critérios racionais do agir ético, como iluminação de uma prática sensata e justa. Nesse sentido, tomaremos como referencial, neste artigo, a sua obra *Escritos de filosofia IV: introdução à Ética Filosófica 1*, e como eixo de nossa reflexão, a natureza filosófica da Ética, segundo Lima Vaz.

Palavras-chave: Ética, *ethos*, moral, *práxis*, ciência do *ethos*.

**Sintesi:** Di fronte al contesto paradossale corrente provato dalla crescita della produzione materiale e simbolica che vengono permeando lo sviluppo culturale della storia dell'umanità, vediamo sorgere nella civilizzazione occidentale una crisi spirituale senza precedenti, osservandosi una ricerca più veemente della riflessione etica. Secondo Lima Vaz, soltanto con l'appropriazione concettuale della Etica, della sua natura ed origine filosófica, se potrà trovare i criteri di verifica razionali del comportarsi etico, come illuminazione di una pratica ragionevole e giusta. In questo senso, prenderemo come referenciale, in questo articolo, l'opera di Lima Vaz *Escritos de filosofia IV: introdução à Ética Filosófica 1*, e come asse della nostra riflessione, la natura filosofica dell'etica, secondo Lima Vaz.

Parole-chiave: Etica, *ethos*, morale, *práxis*, scienza dell'*ethos*.

\* Aluna do Mestrado Acadêmico em Filosofia da Universidade Estadual do Ceará.

### I Introdução

Na sociedade atual verifica-se uma realidade conflitante fundamentada numa crise de sentido e de valores que se apresenta na vida pessoal e nas relações sociais. Neste contexto, percebe-se uma inquietação pelo sentido da vida e do ser no mundo e daí vemos reaparecer paulatinamente o interesse pelo tema da ética, enquanto eixo central de reflexão sobre a conduta do ser humano, nos debates intelectuais, nos currículos e cotidianos escolares.

Se nos permitirmos olhar para este movimento como um todo, perceberemos a urgente necessidade do resgate da consciência ética para que, então, possamos assumir a luta pela efetivação da ética em nossa sociedade brasileira. Tal resgate e efetivação de uma consciência ética implicarão necessariamente o resgate de uma profunda reflexão acerca do conceito de Ética, da sua natureza e origem filosófica. É com este intuito que Henrique Cláudio de Lima Vaz desenvolve sua obra, *Escritos de Filosofia IV e V: introdução à ética filosófica 1 e 2*.

Para resgatar conceitualmente a reflexão sobre a estrutura e o movimento lógico do pensamento ético-filosófico, Lima Vaz procura conjugar o didatismo técnico dos conceitos filosóficos com o rigor do método filosófico como condição de possibilidade para o enfrentamento racional das questões éticas colocadas pelo presente.

Segundo Lima Vaz<sup>1</sup>, as razões que podem justificar o interesse pelo tema da Ética, na atualidade, são muitas e complexas. Dentre elas destaca-se, prioritariamente, uma clara e significativa reação a uma crise espiritual sem precedentes, que atinge a civilização ocidental. Tal crise é evidenciada pela crescente produção de bens materiais e simbólicos que vêm permeando o desenvolvimento cultural da história da humanidade, caracterizando a sua passagem, sempre mais acentuada, do mundo da natureza ao mundo da cultu-

<sup>1</sup> Ver H. C. de L. Vaz, *Escritos de filosofia IV: introdução à ética filosófica 1*, p. 7.

ra, desencadeando uma situação profundamente paradoxal traduzida em uma crise de valores espirituais, e em um progressivo esmaecer da aceitação do caráter normativo e hierárquico dos bens e fins que conferem à vida o imperativo e a dignidade de um dever-ser propriamente humano.

Este paradoxo tem sido desencadeado pela violação de uma lei fundamental no processo cultural, qual seja, a lei da ordenação normativa da atividade criadora que, por sua vez, é parte constitutiva deste processo, pois se encontra na origem do fenômeno histórico-cultural do *éthos*. Ao transgredir a ordenação normativa de sua atividade criadora, o ser humano transgride também os 'bens e fins' que sustentam o *éthos* do seu mundo cultural. Deste paradoxo surge também um relativismo universal e um hedonismo sem limites, gerando comportamentos e atitudes sem referenciais éticos, o que tem causado efeitos devastadores na vida pessoal e social do ser humano.

Frente a este contexto paradoxal, constata-se uma procura mais veemente da reflexão ética, no entanto, como defende Lima Vaz, somente através da apropriação de seus elementos conceituais se poderá encontrar critérios racionais do agir ético, como iluminação de uma prática sensata e justa. Neste sentido, tomaremos como referencial, neste artigo, a obra de Lima Vaz *Escritos de filosofia IV: introdução à Ética Filosófica 1*, e como eixo de nossa reflexão, a natureza filosófica da Ética, segundo Lima Vaz.

## II A constituição do pensamento ético-filosófico

Henrique Cláudio de Lima Vaz desenvolve a sua reflexão ético-filosófica a partir de dois procedimentos metodológicos: a "re-memoração" da tradição do pensamento ético, seguindo o estilo hegeliano, e a tentativa de "retranscrição" conceitual no tempo e espaço histórico atual. Seguindo este percurso metodológico e epistemológico, Lima Vaz procura pela constituição, estrutura e o movi-

mento lógico do pensamento ético, tomando como eixo de sua investigação duas questões fundamentais: a primeira de caráter mais histórico, visando "delinear o contorno semântico dentro do qual o termo Ética será designado",<sup>2</sup> e a segunda, de caráter, ao mesmo tempo, histórico e teórico, referindo-se à legitimidade e validade da leitura filosófica original sobre a conduta humana individual e social, designada pelos clássicos como Ética.

### II.1 O contorno semântico do termo Ética

Tomando como ponto de partida o uso do termo Ética, vemos que ele tem se tornado nos dias atuais um verdadeiro modismo, sendo usado em frases ou expressões das mais corriqueiras, seja na política, nos meios de comunicação de massa e até mesmo em literaturas mais especializadas. Segundo Lima Vaz, este uso corriqueiro tem ocasionado uma certa "deteriorização semântica" do termo Ética, o que pode comprometer a sua qualidade conceitual e estrutural. Na tentativa de resgatar o fundamento filosófico da Ética, ele chama a atenção para a necessidade de, primeiramente, delinear o aspecto semântico, dentro do qual o termo Ética é empregado, para então definir o seu objeto de investigação, as características estruturais de sua natureza e os limites do seu conhecimento.

Seguindo esta metodologia, ele toma como pressuposto dois aspectos fundamentais: o primeiro, de cunho etimológico, diz respeito à origem linguística do termo Ética, sua transcrição na língua filosófica grega e o seu rico conteúdo semântico; e o segundo referindo-se à legitimidade e validade da leitura filosófica sobre a conduta humana individual e social.

No primeiro aspecto, delineando o contorno semântico dentro do qual o termo Ética é designado, Lima Vaz nos leva às origens linguísticas deste termo, procurando pela sua transcrição original e

<sup>2</sup> Idem, p. 11.

significação na primeira língua filosófica conhecida, ou seja, a língua filosófica grega. No corpo desta linguagem filosófica encontramos duas grafias diferentes, mas estreitamente relacionadas a uma mesma realidade: *éthos* (ἦθος) com a inicial êta, significando morada, e *éthos* (ἔθος) com inicial épsilon, para designar hábito, costume. Analisando a junção destas duas grafias distintas, vemos que elas traduzem de uma forma mais completa uma mesma realidade histórico-social dos costumes e sua presença no comportamento dos indivíduos. Nesta mesma junção poderemos alcançar também o uso do termo Ética – *ethiké*<sup>3</sup> – correspondendo a um tipo determinado de saber que tem por objetivo específico a *práxis*, ou seja, a excelência do agir humano em sua essencial destinação: a realização do Bem na vida do indivíduo e da cidade, por meio do qual podem-se desenvolver hábitos fundamentados em valores e princípios que possam tornar possível e agradável a morada do homem no planeta, já que esta morada é coletiva e o homem um ser que se realiza na coletividade. Neste sentido, afirma Lima Vaz:

a transposição metafórica de *ethos* para o mundo humano dos costumes é extremamente significativa e é fruto de uma intuição profunda sobre a natureza e sobre as condições de nosso agir (*praxis*), ao qual ficam confiadas a edificação e preservação de nossa verdadeira residência no mundo como seres inteligentes e livres: a morada do *ethos* cuja destruição significaria o fim de todo sentido para a vida propriamente humana. 4

<sup>3</sup> O uso vulgarizado do termo *ethiké* é atribuído a Aristóteles, ao qualificar um tipo determinado de saber. Do mesmo termo surgem as expressões aristotélicas *ethiké pragmateia* e *praktiké philosophia*, por meio das quais ele faz menção ao exercício constante das virtudes morais ou ao exercício da investigação e da reflexão metódica sobre os costumes (*etha*). Cf. H. C. de Lima Vaz, *Escritos de filosofia IV: introdução à ética filosófica 1*, p. 13.

<sup>4</sup> Ibidem.

Na inclusão do termo *moralis* como tradução usual do grego *ethiké*, transmitido ao latim tardio e, posteriormente, ao latim escolástico para designar o mesmo domínio de conhecimento, prevaleceu seu emprego tanto como adjetivo para designar uma das partes da Filosofia (Filosofia moral), quanto simplesmente como substantivo, ou seja, como Moral em nossa língua corrente. Lima Vaz enfatiza que, mesmo o vocábulo Moral tendo seu significado na raiz comum da palavra grega *éthos*, seu uso é ampliado em um maior campo de expressões, tais como: vontade, desejo; conduta, uso, hábito (seja como comportamento ou atitude), modo de ser, estado, natureza, e, ainda, lei, preceito, regra,<sup>5</sup> ocasionando, assim, um progressivo enriquecimento semântico.

Através da análise semântica dos termos Ética e Moral, desde sua origem, Lima Vaz nos demonstra que:

a evolução semântica paralela de Ética e Moral a partir de sua origem etimológica não denota nenhuma diferença significativa entre esses dois termos, ambos designando fundamentalmente o mesmo objeto, a saber, o costume socialmente considerado, seja o hábito do indivíduo de agir segundo o costume estabelecido e legitimado pela sociedade.<sup>6</sup>

Para Lima Vaz a tendência a apresentar uma distinção semântica entre os termos Ética e Moral provém, possivelmente, do teor de complexidade da sociedade moderna frente ao estudo do agir humano, em seu enfoque individual e social. Ao contrário do pensamento grego clássico, onde, por exemplo, Aristóteles concebia a expressão Ética individual e Ética política na mesma categoria de política ou de ciência política.

A filosofia moderna pressupõe uma nítida distinção ou mesmo uma oposição entre as motivações que regem o agir do indivíduo, impelido por necessidades e interesses, e os obje-

<sup>5</sup> Conferir nota nº 2 do livro: *Escritos de Filosofia IV: Introdução à Ética Filosófica 1*, p. 14.

<sup>6</sup> Ibidem.

tivos da sociedade política, estabelecidos segundo o imperativo de sua ordenação, conservação, fortalecimento e progresso. Foi provavelmente no clima intelectual formado sob a influência dessa distinção que a significação do termo Moral refletiu progressivamente para o terreno da praxis individual, enquanto o termo Ética viu ampliar-se seu campo de significação passando a abranger todos os aspectos da praxis social, seja em suas formas históricas empíricas, das quais se ocupam as Ciências humanas (Etnologia e Antropologia cultural); seja em sua estrutura teórica, da qual, segundo pensamos, deve-se ocupar a Filosofia.<sup>7</sup>

Segundo Lima Vaz, é a partir desta reviravolta semântica que o termo Moral tende a privilegiar a subjetividade do agir e o termo Ética a realidade histórica e social dos costumes. Esta é, portanto, a matriz semântica assumida pela linguagem contemporânea para distinguir Ética e Filosofia Moral.

Em seu texto, no entanto, Lima Vaz adota, preferencialmente, o termo Ética de acordo com a sinonímia empregada em sua procedência histórica nos discursos filosóficos sobre o *ethos*, consagrados pela tradição grega. O termo Moral, por sua vez, é utilizado por ele apenas para expressões usuais da atualidade, como por exemplo: “consciência moral”, “lei moral”, “moralidade”.

Ao trabalhar a etimologia do termo ética, Lima Vaz chama a atenção também para os motivos teóricos da transposição metafórica da significação original de *éthos*, com êta – usualmente designada como morada, covil ou abrigo dos animais – do domínio animal – para o domínio da praxis humana.

Podemos supor que um dos motivos teóricos profundos dessa transição foi a impossibilidade de abranger e compreender, à luz do incipiente logos demonstrativo, sob o mesmo conceito unívoco de *physis* o mundo humano e o mundo das coisas. As peculiaridades do agir humano, designado com o nome específico de praxis, não permitem pensá-lo em homo-

<sup>7</sup> Idem, p. 15.

logia estrita com o movimento dos seres dotados de uma *physis* específica. Nesse sentido o termo *ethos*, transposto para a esfera da praxis, acaba por exprimir a versão humana da *physis*, e assim o entendeu Aristóteles ao interpretar o *ethos* no homem como o princípio que qualifica os hábitos (hexeis) ou virtudes (aretai) segundo os quais o ser humano age de acordo com a sua natureza racional.<sup>8</sup>

No decorrer das tentativas racionais de interpretação do *ethos*, na filosofia grega clássica, dois paradigmas teóricos se apresentam: *ethos* na sociedade: a lei (nomos) e *ethos* no indivíduo: a virtude (arete). A partir desses dois enfoques do *ethos* procedem as duas disciplinas que compartilham o domínio da praxis: Ética e Política, unificadas, segundo Aristóteles, na qualidade de saber prático, pela unidade objetiva do *ethos*.<sup>9</sup>

Baseado neste pressuposto semântico, Lima Vaz propõe uma definição da Ética:

A Ética é um saber elaborado segundo regras ou segundo uma lógica peculiar, pois o primeiro uso adjetivo do termo qualifica justamente, em Aristóteles, uma forma fundamental de conhecimento, contraposta aos conhecimentos *teórico* e *poiético*. O objeto da ética é uma realidade que se apresenta à experiência com a mesma evidência inquestionável com que se apresentam os seres da natureza. Realidade humana por excelência, histórica, social e individual e que, com profunda intuição das suas características originais, os gregos designaram com o nome de *ethos*. A Ética, portanto, nominalmente definida, é a ciência do *ethos*.<sup>10</sup>

O campo de investigação, reflexão e sistematização desse saber Ético ou Moral, é definido pelos problemas de ordem episte-

<sup>8</sup> Idem, p. 16.

<sup>9</sup> Idem, p. 17. Cf. também H. C. de L. Vaz, *Escritos de filosofia II: Ética e Cultura*, p. 48-61.

<sup>10</sup> Vaz, *Escritos de filosofia IV: introdução à ética filosófica 1*, p. 17.

mológica, no que se refere ao seu caráter científico, e ontológico, no que se refere ao seu objeto, ou seja, ao *éthos*.

## II.2 A Ética como saber de natureza filosófica

Para Lima Vaz é fundamental que se tenha em foco a natureza filosófica do saber ético para que não se perca “a dignidade de seu objeto e a sua vinculação com os mais altos conceitos aos quais se eleva a Razão, tais como o Fim, o Bem e o Ser, no seio da origem grega”.<sup>11</sup> Com este propósito, ele defende a relação constitutiva entre Ética e Filosofia como condição primeira de uma exigência metodológica, principalmente frente à tendência da cultura contemporânea de colocar a Ética no âmbito de uma Ciência Humana direcionando-a especificamente para a “descrição de aspectos empíricos e das formas históricas do ethos ou a circunscrevê-la ao domínio da Metafísica”.<sup>12</sup>

Segundo Lima Vaz, a Ética fundamental é de natureza filosófica, pois se funda num estatuto inteligível próprio e universal, não se reduzindo às condições empíricas de organização dos grupos humanos em seu contexto histórico, sendo por isso mesmo uma Ética filosófica. Nesta perspectiva, ele direciona seus Escritos de Filosofia, para o objetivo de “mostrar que os problemas fundamentais de uma ciência do ethos (...) exigem o recurso à razão filosófica para que possam ser adequadamente equacionados em nível conceitual que atenda à natureza de seus termos”.<sup>13</sup> É da sua fundamentação filosófica que se edificam os saberes empírico-formais e hermenêuticos sobre o *éthos*, e conseqüentemente a sua legitimação epistemológica (a ciência do *éthos*).

<sup>11</sup> Idem, p. 18.

<sup>12</sup> Ibidem.

<sup>13</sup> Ibidem.

Nesta segunda etapa, ainda seguindo o percurso metodológico adotado por Lima Vaz, no qual a investigação abrange um caráter ao mesmo tempo histórico e teórico, procuraremos pela intrínseca natureza filosófica das categorias e razões da Ética fundamental nos remetendo ao contexto de origem e desenvolvimento da natureza filosófica da Ética.

A concepção da ciência do *éthos*, na Grécia dos séculos V e IV a.C, dá-se fundamentalmente no seio de uma conceptualidade filosófica, desenvolvida por Platão, através de seus diálogos críticos vividos por Sócrates e os sofistas evidenciando os problemas éticos da “virtude” (*areté*) e da “educação para a virtude” (*paidéia*), sendo concebidas racionalmente de modo completamente oposto.

Os chamados diálogos socráticos de Platão, que têm como objeto o tema eminentemente ético da virtude, são considerados com razão, mesmo levando em conta alguns fragmentos pré-socráticos de difícil interpretação, o capítulo inicial da história da ética no Ocidente. (...) Tanto Platão quanto Aristóteles receberam o ensinamento socrático como sendo um ensinamento de caráter especificamente filosófico, vendo mesmo desenhado em Sócrates o perfil exemplar do filósofo e em sua doutrina um fruto por excelência da razão filosófica.<sup>14</sup>

Da concepção socrática da ética se procederá duas grandes vertentes da tradição filosófica do pensamento ético na cultura ocidental. A primeira, a Ética platônica, estruturalmente articulada numa teoria das Ideias, assume um perfil epistemológico posteriormente chamado de Metafísica.<sup>15</sup> “Trata-se, pois, de uma Ética estritamente normativa, obedecendo ao desígnio de uma ordenação da vida humana individual e política sob a norma suprema do Bem contemplado pela Razão”.<sup>16</sup> A segunda vertente, a Ética aristotélica,

<sup>14</sup> Idem, p. 19 e 20.

<sup>15</sup> Conferir Parte II – Cap. 2 de *Escritos de Filosofia IV: Introdução à Ética Filosófica 1*.

<sup>16</sup> Idem, p. 20.

reagindo criticamente à supremacia unívoca do Bem transcendental de Platão como fim único de uma práxis legítima, apresenta como fundamento à reflexão ética a “pluralidade dos bens oferecidos ao dinamismo da práxis, desde que atendam ao imperativo fundamental do bem viver (*eu zen*) na realização de uma excelência (*eudaimonia*) segundo a medida da vida humana”.<sup>17</sup>

Aristóteles, ao contrário do seu mestre, concebe o saber ético como um “saber prático”, um saber da práxis, ou seja, do agir humano em função da realização da felicidade na vida do indivíduo em comunidade. Posteriormente, este saber pragmático, contido nas obras éticas de Aristóteles,<sup>18</sup> será nomeado por seus estudiosos com a expressão “*Philosophia Practica*”, para designar o fundamento filosófico da Ética.

Prosseguindo ao pensamento ético de Platão e Aristóteles, as escolas filosóficas helenísticas assumem a questão da admissão de uma hierarquia de bens e, conseqüentemente, da admissão de um Bem supremo, de onde provém a verdadeira ‘eudaimonia’ para a vida do ser humano. Para estas escolas, e, é claro, em seus enfoques, a ética apresenta-se como saber elevado, pois sua aquisição e execução exigem o reto uso da Razão. Neste sentido, “a ética, como ensinamento sobre a ‘eudainomia’ ou a ‘beata vita’, acaba sendo entendida na Média Antiguidade, como a razão de ser da Filosofia”.<sup>19</sup> Sabiamente tal concepção é justificada por Cícero, quando ele afirma que “nenhuma outra razão leva os homens à Filosofia senão a procura da ‘beata vita’”.<sup>20</sup>

Na Idade Média a natureza filosófica da Ética começa a ser repensada numa perspectiva teológica cristã, abrindo ao pensamento ético clássico novos horizontes de integração. A Ética cristã, no

<sup>17</sup> Ibidem.

<sup>18</sup> *Ética a Eudemo, Ética a Nicômaco, a Grande Ética*.

<sup>19</sup> Vaz, *Escritos de filosofia IV: introdução à ética filosófica 1*, p. 21-22.

<sup>20</sup> Idem, p. 22.

corpo de um saber teológico é concebida como reflexão sobre o *éthos* neotestamentário e sobre sua prática na vida do cristão. Tal concepção desenvolvida na ética clássica Platônico-aristotélica adota algumas de suas estruturas categoriais, como beatitude e Sumo Bem, e introduz categorias específicas da ética cristã, tais como: amor, liberdade moral, livre-arbítrio, lei moral, consciência moral, dever moral.

Lima Vaz destaca na tardia Idade Média a ocorrência de um afastamento ainda maior do sistema de referências da Razão clássica, que se dá por meio de uma progressiva remodelação na edificação do saber, no qual a ciência físico-matemática assume o patamar de superioridade racional, muito embora, de Descartes a Kant e ainda em Hegel, a Ética ou Moral se apresente no cerne de seus projetos filosóficos.

Por sua natureza empírico-formal, a Razão moderna desenvolve uma racionalidade multiforme de especificidades científicas gerando uma imensidade de sistemas formais. É neste horizonte epocal que a Ética sofre reconfigurações em seu eixo filosófico, passando a ser concebida como ciência empírica e descritiva.

O passo inicial da “desconstrução” da Ética filosófica clássica, que estará aparentemente terminada com F. Nietzsche, foi dado sem dúvida por Thomas Hobbes no século XVII ao adotar um modelo fisicista de feição rigidamente mecanicista na concepção do ser humano e na interpretação de seu agir. Tal modelo implica uma rejeição radical do finalismo do Bem, eixo de sustentação do pensamento ético tradicional, e uma explicação da atividade humana em termos de exclusiva satisfação das necessidades do indivíduo. Fica, assim, traçada a linha de evolução a ser seguida pela Ética moderna no progressivo abandono de sua especificidade filosófica.<sup>21</sup>

Lima Vaz destaca, entretanto, uma certa retomada da tradição Ético-filosófica na primeira metade do século XX, sobretudo nas

<sup>21</sup> Idem, p. 23.

obras de Max Scheler, Nikolai Hartmann, Henri Bergson, assim como em pensadores de inspiração cristã, como Maurice Blondel, J. Maritain, Joseph Pieper, Dietrich Von Hildebrand, entre outros. Ele constata na obra desses pensadores, assim como na de vários outros contemporâneos, “a persistência da conceptualidade filosófica como única adequada para uma reflexão compreensiva sobre os fundamentos da Ética”.<sup>22</sup>

### III Considerações finais

A reivindicação feita por Lima Vaz, na sua obra *Escritos de Filosofia IV: Introdução à Ética Filosófica 1*, é basicamente a de uma Ética que se funda em categorias universalmente aceitas (por exemplo: Bem, Excelência, Virtude, Liberdade, Lei, Justiça), ou seja, de uma Ética que, sendo por natureza filosófica, é pressuposto necessário a todos as modalidades de pensamento ético.

No esforço conceitual, através de uma “rememoração”, no estilo hegeliano, das concepções e modelos do pensamento ético na Filosofia ocidental, Lima Vaz trabalha as categorias necessárias à apreensão destas concepções, como caminho seguro de fundamentação filosófica para o confronto com os desafios teóricos do presente. Tal organicidade, traduzida em uma didática sábia e ousada, nos possibilita apreender a lógica da dimensão verdadeiramente filosófica da interpretação racional do *éthos*.

<sup>22</sup> Idem, p. 24.

### Bibliografia

VAZ, H. C. de Lima. *Escritos de Filosofia IV: Introdução à ética filosófica 1*. São Paulo: Ed. Loyola, 1999.

\_\_\_\_\_. *Escritos de Filosofia IV: Introdução à ética filosófica 2*. São Paulo: Ed. Loyola, 2000.